

Escola Milton Santos de Agroecologia

Viver é Lutar !

Construir Reforma Agrária Popular!

CADERNO DA AÇÃO PEDAGÓGICA



José Maria Tardin; Dominique Michèle Periotto Guhur; Nilciney Toná;  
Adilson Vagner de Matos; Josué Roque; Jackson Raimundo Silva (Organizadores)

# **Viver é Lutar !**

## **Construir Reforma Agrária Popular!**

**CADERNO DA AÇÃO PEDAGÓGICA**

**MARINGÁ, PR**  
**2022**



**Escola Milton Santos de Agroecologia**  
**Associação dos Trabalhadores na Educação e Produção em Agroecologia Milton Santos – ATEMIS**  
**Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST**

**Organização:** José Maria Tardin; Dominique M. P. Guhur; Nilciney Toná; Adilson Vagner de Matos; Josué Roque; Jackson R. da Silva.

**Autores -** Educandos e educadores da Turma Chico Mendes, Curso Técnico em Agroecologia Integrado ao Ensino Médio (ordem alfabética):

**Educandos e educandas:** André Luiz Menezes Luz da Silva, Celso Ribeiro Barbosa Junior, Clarinice Mendes de Oliveira, Daniel Rodrigues da Silva, Elicar Antonio Costa, Elvis Vorpapel Biff, Emanuel Monteiro Costa, João Luiz, Francelino dos Santos Silva, José Alexandre dos Santos Rainha, José Roque Rojas, Leandro Borchert Vaz de Oliveira, Rita Fernanda Portes Bueno, Ronaldo Pedro Araújo Josefi, Wellington Carlos Viana

**Educadores e educadoras:** Adilson Vagner de Matos, Dominique Michèle Periotto Guhur, Jackson Raimundo da Silva, José Maria Tardin, Josué Roque, Natália Silva, Nilciney Toná, Patrícia Balbinoti, Patrícia Landes de Matos

**Artistas** (ordem alfabética):

**Acir Batista**, assentado, integrante da Brigada Nacional de Artes Visuais Cândido Portinari e do Coletivo de Cultura do MST-PR  
Facebook: artebatista@facebook.com

**Jackson Raimundo da Silva**, dirigente estadual, coordenador do coletivo LGBT Sem Terra. Residente no Assentamento Santa Maria, em Paranacity-PR, Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória-COPAVI. Instagram: @jackraisilva

**Richard Silva Gomes** (assina como Richa Silva), Artista Visual. Gaúcho de Livramento. Mora em Ouro Preto, MG. Contato: (31) 997151311. E-mail: richard\_cultural@gmail.com. Instagram: @richardscultural

**Tarcísio Leopoldo**, integrante da Brigada Nacional de Artes Visuais Cândido Portinari, coletivo de Cultura do MST.  
<https://www.facebook.com/tarcisioleopoldo>

**Ilustrações:**

Richard Silva Gomes	Imagens dos diálogos 1, 6, 7, 10, 12, 14, 16, 21, 43
Jackson Raimundo da Silva e Tarcísio Leopoldo	Imagens dos diálogos 2, 3, 4, 5, 8, 11, 19, 37
Acir Batista	Imagens dos diálogos 9, 13, 15, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 2, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 44

**Artes da Capa:** Mural da 13ª. Jornada de Agroecologia e logotipo da Escola Milton Santos de Agroecologia – Maringá-PR (por Acir Batista)

**Contracapa:** fotografia de pintura existente no frontispício do prédio de salas de aula da Escola Milton Santos de Agroecologia

Obra em meio digital. É permitida (e incentivada!) a reprodução parcial ou integral do conteúdo; sempre que possível, citar a fonte.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	5	D. 21 - Sem luta há conquista?	37
<b>PRIMEIRA PARTE</b>	7	D. 22 - Todas as famílias têm sonhos	38
1. A Escola Milton Santos	7	D. 23 - O assentamento é um território coletivo	39
2. O Diálogo de Saberes no Encontro de Culturas	8	D. 24 - Reforma Agrária é mais do que terra	40
3. O processo de elaboração deste Caderno da Ação Pedagógica	11	D. 25 - Porque somente a horta é orgânica?	41
4. Sugestões para a utilização deste Caderno	12	D. 26 - Alimento é saúde	42
<b>SEGUNDA PARTE</b>	15	D. 27 - O que é viver com saúde?	43
Diálogo 1 - LUTAR!!!	17	D. 28 - Todas e todos Sem Terra estudando!	44
D. 2 - A escola é para todos?	18	D. 29 - "A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo"	45
D. 3 - O que é necessário para que todos possam continuar na escola?	19	D. 30 - Vamos retomar a Agroecologia?	46
D. 4 - Quem decide o que é de menina e o que é de menino?	20	D. 31 - Um problema de todos	47
D. 5 - Quem decide o que é trabalho de menino e trabalho de menina?	21	D. 32 - As mulheres participam das decisões?	48
D. 6 - Todos tem que trabalhar na Infância?	22	D. 33 - Trabalhar de empregado na cidade	49
D. 7 - Por que o homem ganha mais do que a mulher?	23	D. 34 - As famílias assentadas precisam pagar diárias?	50
D. 8 - O fazendeiro não trabalha na terra	24	D. 35 - Nem todos lutam, mas todos se beneficiam	51
D. 9 - Que festas realizamos em nossa comunidade?	25	D. 36 - Somos todos e todas Sem Terra!	52
D. 10 - O povo tem cultura	26	D. 37 - Por que é difícil respeitar a diversidade?	53
D. 11 - Na fazenda não se produz alimento saudável	27	D. 38 - O que vocês fazem?	54
D. 12 - Quem trabalha no campo e na cidade é explorado	28	D. 39 - Água é vida!	55
D. 13 - O que leva as pessoas a decidirem se acampar?	29	D. 40 - O que é Agroecologia para nós?	56
D. 14 - Quando começou a luta pela terra no Brasil?	30	D. 41 - Precisamos mudar nosso modo de produzir e viver no campo	57
D. 15 - O povo resiste!	31	D. 42 - Seguiremos lutando?	58
D. 16 - A luta segue em frente!	32	D. 43 - Seguir enfrentando nossos inimigos de classe	59
D. 17 - De que maneira acampar muda a vida das pessoas?	33	D. 44 - Viver é lutar! E construir Reforma Agrária Popular!!!	60
D. 18 - O que o povo aprende na luta	34	<b>ANEXOS</b>	61
D. 19 - Alimentos saudáveis, seres humanos saudáveis	35	1. Fichas da Educadora/do Educador	61
D. 20 - Um povo só marcha para a libertação, quando caminha com sua cultura	36	2. Materiais Complementares e Fontes de Pesquisa Sugeridos	63





## APRESENTAÇÃO

Este Caderno da Ação Pedagógica é um material de apoio para a Educação Popular em Agroecologia, trabalhando-a de maneira integrada à luta pela terra, à organização coletiva, à cooperação, à questão de gênero e geração e à Soberania Alimentar. Trata-se de uma obra coletiva que envolveu em sua elaboração educandos e educadores da turma Chico Mendes (2014-2018) - VI turma do Curso Técnico em Agroecologia da Escola Milton Santos de Agroecologia, e também assentados da Reforma Agrária. Foi produzida como desdobramento de um trabalho de base em agroecologia desenvolvido a partir do “Diálogo de Saberes no Encontro de Culturas”, realizado no assentamento Milton Santos (município de Planaltina do Paraná). A produção de ilustrações originais<sup>1</sup>, por artistas populares, a partir de indicações do processo coletivo, foi concluída em 2022.

O caderno está organizado em duas partes. Na primeira parte, iniciamos apresentando a Escola Milton Santos de Agroecologia, e em seguida, o Diálogo de Saberes, seus princípios, fundamentos e metodologia. Explicamos e contextualizamos brevemente o processo de elaboração do caderno e trazemos algumas sugestões para sua utilização. A segunda parte consiste na Ação Pedagógica propriamente dita, contendo 44 “diálogos”. O “diálogo n. 43” foi incluído no momento de conclusão do caderno, considerando o contexto político nacional.

<sup>1</sup> As imagens dos Diálogos 1 e 15 foram livremente inspiradas em fotografias de Sebastião Salgado que compõem o livro fotográfico *Terra* (1997, esgotado). Ver: <https://mst.org.br/2022/04/28/entrevista-joao-pedro-stedile-fala-sobre-o-significado-para-o-mst-da-exposicao-terra-ha-25-anos/>. Para visualizar algumas fotografias do livro, consultar: <http://www.landless-voices.org/vieira/archive-04.php?ng=p&sc=3&th=55&se=0>. A imagem do Diálogo 32 foi inspirada no cartaz em comemoração aos 20 anos do MST (2004).

Em anexo, encontram-se: duas sugestões de “Fichas da Educadora/do Educador”, com indicações de como os educadores podem organizar o trabalho com cada “diálogo”; e uma lista de materiais complementares, para aprofundamento do estudo no tema e para apoiar didaticamente o trabalho com o caderno.

Registramos nosso agradecimento a todos e todas que de muitas maneiras contribuíram ao longo desse extraordinário processo, e em especial aos camponeses e camponesas deste assentamento que nos acolheram e estabeleceram conosco um Diálogo de Saberes: Ernesto Auri e Marli dos Passos; Davi Jesus e Neidir Lemos e filhos; Alberto e Andréia Herman e filhas; e Antônio Almeida. Também à coordenação do assentamento Milton Santos, que compreendeu a importância desta iniciativa e a apoiou; e a Edson Fortunato, técnico em Agroecologia formado na EMS, que acompanhou os trabalhos a campo e garantiu a comunicação com as famílias e com o assentamento.

Na trajetória das lutas populares e de tudo aquilo que seguimos construindo – a Reforma Agrária Popular, a Cooperação, a Agroecologia, a Soberania Alimentar e a Educação do Campo, em especial -, esperamos que esse caderno possa contribuir na organização da produção da existência camponesa em cooperação, em bases agroecológicas e na apreensão consciente da dimensão ecológica da vida como uma dimensão fundamental da emancipação humana. Boa leitura e bom trabalho a todos e todas!

*“Não há palavra verdadeira que não seja práxis.  
Daí que dizer a palavra verdadeira  
seja transformar o mundo”  
(Paulo Freire)*





*“O sonho nos obriga a pensar.  
Ousamos, desse modo,  
pensar que a história do homem sobre a Terra  
dispõe afinal das condições objetivas,  
materiais e intelectuais, para superar  
o endeusamento do dinheiro e dos objetos técnicos  
e enfrentar o começo de uma nova trajetória”*

*(Milton Santos).*

## 1. A ESCOLA MILTON SANTOS DE AGROECOLOGIA

A Escola Milton Santos-EMS é um centro de educação em Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável dos Movimentos Sociais Populares do Campo (Via Campesina), a partir do esforço do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST, criada em 10 de junho de 2002 no município de Maringá. Atua nas áreas de educação, formação, produção, experimentação e divulgação de práticas em Agroecologia, Tecnologias em Energias Renováveis, Bioconstruções, Saúde Popular e Educação do Campo. Trata-se de uma escola popular, dos trabalhadores e trabalhadoras, não integrada à rede pública de ensino, cujos cursos formais são oficialmente reconhecidos por meio de termos de convênio com instituições públicas (universidades e institutos). A nível institucional, a escola é representada pela Associação de Trabalhadores na Educação e Produção em Agroecologia Milton Santos-ATEMIS.

Boa parte dos cursos formais - ofertados em regime de alternância (períodos alternados de atividades presenciais na Escola e de atividades dirigidas nas Comunidades de origem dos educandos) - contou com apoio do Programa Nacional de

Educação na Reforma Agrária (PRONERA) até 2018: a) Técnico em Agroecologia (desde 2003), em convênio com o Instituto Federal do Paraná-IFPR; b) Curso de Pedagogia para Educadores do Campo (graduação - licenciatura plena), com a Universidade Estadual de Maringá-UEM; c) Curso de Escolarização de Jovens e Adultos - EJA fase II (anos finais do ensino fundamental), com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE; d) cursos de Formação Inicial Continuada-FIC, com o IFPR.

Os cursos atendem educandos de todas as regiões do estado do Paraná, e de estados vizinhos. A EMS ainda sedia eventos, seminários e reuniões dos movimentos sociais do campo e organizações populares ou de trabalhadores e trabalhadoras, e recebe muitos visitantes, pesquisadores e estagiários; estima-se que passam pela escola cerca de 600 pessoas a cada ano. Em 2013 e 2014, a EMS sediou a Jornada de Agroecologia, maior evento de Agroecologia do sul do país. Participou também no projeto “FLORA-Florestando a Reforma Agrária, Cultivando Agrobiodiversidade no Paraná” (2013-2016) , contribuindo para a implantação de agroflorestas em diversos assentamentos de Reforma Agrária nas regiões norte e noroeste do Paraná. Durante a pandemia de COVID-19, participou das ações solidárias de distribuição de alimentos organizadas pelo MST.

Toda a infraestrutura existente foi construída ou recuperada graças ao trabalho voluntário de camponeses e camponesas assentados e acampados de todas as regiões do Paraná. A escola tem como princípio a direção coletiva, com a participação de todos os sujeitos (trabalhadores/as permanentes, educadores/as e educandos/as) na construção de objetivos comuns, por meio de planejamento e avaliação coletivas permanentes. Sustenta-se



graças a doações, projetos, trabalho voluntário e comercialização da produção própria<sup>2</sup>.

## 2. O DIÁLOGO DE SABERES NO ENCONTRO DE CULTURAS

O Diálogo de Saberes-DS se constituiu a partir da demanda dos movimentos sociais do campo, em particular o MST, por organizar a produção da existência camponesa em bases agroecológicas<sup>3</sup>, como parte de um Projeto Popular de Desenvolvimento para o Campo. Pode-se definir o Diálogo de Saberes como um método de trabalho de base, que começa a ser organizado no Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente-SPCMA do MST/PR, e como disciplina curricular na Escola Latino-Americana de Agroecologia, em 2005.

Seu objetivo é **a busca de um sistema de compreensão e planejamento dos agroecossistemas familiares ou coletivos**, partindo-se dos conhecimentos e da história dos indivíduos-sujeitos envolvidos e o ambiente que gestionam, **de modo a valorizar seus processos históricos e correlacioná-los e problematizá-los a luz da história da agricultura e dos movimentos sociais a que pertençam** e das potencialidades e limitações ecológicas e agrícolas do ambiente local, **de modo a alcançar avanços na ação político-militante, na cooperação** e o desencadeamento da experimentação em agroecologia, a implementação da **transição**

**agroecológica** e o estabelecimento de agroecossistemas sustentáveis<sup>4</sup>.

Seu ponto de partida é a crítica empreendida por Paulo Freire, na obra “Pedagogia do Oprimido”, e a crítica sequencial que expõe a partir da questão título da obra “Extensão ou Comunicação?”, quando problematiza em profundidade e amplamente a relação dos profissionais das ciências agrárias junto às populações camponesas por meio da assistência técnica, identificada pelo autor como “antidialógica” e promotora da “invasão cultural”, e propõe sua superação pela “síntese cultural” resultante do “diálogo problematizador”<sup>5</sup>. Pretende-se assim, realizar a crítica do sistema de assistência técnica empreendida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, extensiva aos demais Movimentos Sociais Populares do Campo articulados na Via Campesina, e orientá-la desde sua especificidade a se realizar como “ação cultural para a libertação” fiel aos objetivos estratégicos e integrada à práxis social emancipatória que efetivam no enfrentamento das contradições sociais e nas relações na e com a natureza.

Nesta perspectiva, toma a “assistência técnica” realizada como “insistência técnica-tecnicista-economicista” a serviço da reprodução do capital no campo, como objeto da crítica, problematizando sua reprodução ingênua e contraditória na ação dos Movimentos Sociais Populares do Campo, propondo e exercitando sua superação como “convivência” com sentido de pertencimento e comunhão, solidariedade e compromisso na práxis social que direcionam à transformação da realidade imediata em seu vínculo com a transformação radical da sociedade.

---

<sup>2</sup> Mais informações sobre a Escola podem ser acessadas na página eletrônica: <https://atemisems.wixsite.com/escolamiltonsantosvc>

<sup>3</sup> Para saber mais sobre agroecologia, consultar a seção “Materiais Complementares e Fontes de Pesquisa Sugeridos”, especialmente o Dicionário de Agroecologia e Educação (2021).

---

<sup>4</sup> TARDIN, José Maria. **Considerações ao Diálogo de Saberes no Encontro de Culturas**: versão atualizada. [Lapa]: abr. 2008 (mimeo.).

<sup>5</sup> FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 7ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.

O Diálogo de Saberes inspira-se, de um lado, na experiência histórica das comunidades camponesas e nos métodos de trabalho de base desenvolvidos pelos Movimentos Sociais Populares na América Latina – em especial o programa Campesino a Campesino, em diversos países da América Central e Caribe – e, de outro lado, fundamenta-se na produção científica em três campos: a Pedagogia Freireana, a Agroecologia e o Materialismo Histórico-Dialético.

Nas escolas de agroecologia do MST e da Via Campesina do Paraná<sup>6</sup>, o Diálogo de Saberes foi trabalhado na unidade didática “Desenho e Manejo de Agroecossistemas”, com atividades teórico-práticas no Tempo-Escola e no Tempo-Comunidade (onde orienta a Prática Profissional). Por se tratar de uma modalidade de Pesquisa Ação, ele também serve de base para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso-TCC. Essa experiência tem mostrado que o Diálogo de Saberes explicita desafios que podem orientar a organização do currículo dos cursos de agroecologia, oferecendo a possibilidade de articulação prática-teoria-prática (em diversos níveis e tempos/espacos) e das diversas áreas de conhecimento<sup>7</sup>.

O Diálogo de Saberes tem possibilitado superar a relação antidialógica promotora da invasão cultural própria do técnico prescritor de receituários tecnológicos oriundos do agronegócio

---

<sup>6</sup> São elas: Escola Milton Santos, em Maringá; Escola José Gomes, ligada ao Instituto Técnico de Educação e Pesquisa na Reforma Agrária-ITEPA, em São Miguel do Iguaçu; a Escola Latino Americana de Agroecologia, na Lapa; e o Centro de Desenvolvimento Sustentável e Capacitação em Agroecologia-CEAGRO, com uma unidade em Cantagalo e outra em Rio Bonito do Iguaçu.

<sup>7</sup> GUHUR, Dominique M. P. **Contribuições do Diálogo de Saberes à educação profissional em agroecologia no MST: desafios da educação do campo na construção do projeto popular**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UEM. Maringá, 2010.

para a de uma companheira e um companheiro **militante técnico pedagogo/pedagoga educador/educadora da agroecologia**, capazes de estabelecer relações dialógico-problematizadoras da realidade junto às camponesas e aos camponeses e, frente às potencialidades, limites, perdas e contradições identificadas nesta realidade, planejar e realizar a **ação pedagógica** como processo coletivo capaz de exponenciar as potencialidades, enfrentar os desafios postos pelos limites e as perdas e superar as contradições, proporcionando o avanço da consciência crítica e a prática transformadora da realidade.

### A Metodologia do Diálogo de Saberes

O desenvolvimento do Diálogo de Saberes exige inicialmente o estabelecimento do coletivo que vai executar as atividades, que nesta experiência se constitui por educadoras e educadores, integrantes da coordenação pedagógica e as educandas e educandos do curso. Este coletivo desenvolve os estudos teóricos e está à frente das práticas de campo junto às famílias.

O passo seguinte se dá pelo diálogo dentre os integrantes da coordenação pedagógica e integrantes da coordenação do assentamento onde se propõe realizar as atividades. Nesta ocasião, faz-se uma apresentação do processo do Diálogo de Saberes, e uma vez aceito, consensualiza-se a definição das famílias a serem diretamente participantes e o cronograma de realização das atividades. As famílias são visitadas, momento em que se faz a mesma apresentação do processo do Diálogo de Saberes e de seu cronograma, e manifestam-se quanto a participar ou não das atividades.

No âmbito da escola, a turma de educandas e educandos desenvolve o levantamento e o estudo de informações secundárias



sobre a realidade do município e do assentamento – sócio-econômicas, ambientais, história, estrutura fundiária, bioma, etc.

A turma de educandas e educandos se organiza em Núcleos de Base, e cada um se integra a uma família no assentamento com quem se dará a partir daí o Diálogo de Saberes, por meio de uma pesquisa minuciosa, baseada na observação participante e na entrevista semi-estruturada, utilizando-se um roteiro orientador. Parte-se da história de vida da família, levantando-se a seguir as informações e os dados agronômicos, econômicos e ecológicos do agroecossistema.

O próximo passo é a sistematização das informações, descrevendo-se a estrutura e o funcionamento do agroecossistema, tendo-se o cuidado de se transcrever a fala dos camponeses e camponesas nos termos vocabulares que utilizam.

Procede-se então à Análise da Sustentabilidade do Agroecossistema, em três dimensões: sociocultural, econômica e ecológica, utilizando-se quatro categorias principais de análise: potencialidades, limites, perdas, e contradições. Avaliam-se os seguintes atributos do agroecossistema: produtividade; estabilidade, flexibilidade e capacidade de recuperação; autonomia; e equidade. Cada atributo é avaliado com base numa série de critérios<sup>8</sup>.

Na análise se busca compreender de maneira articulada a objetividade e a subjetividade, ou seja, tanto as **práticas significativas**, que expressam potencialidades, perdas, limites e contradições, quanto as **falas significativas**, que expressam a maneira como a família camponesa interpreta sua experiência de vida em articulação com a comunidade local e a sociedade. Aqui, é

fundamental identificar falas que representam uma situação-limite, ou seja, um limite explicativo na visão da família a ser superado.

A partir das práticas e das falas significativas se define o(s) **Tema(s) Gerador(es)**: “O tema gerador será para nós a fala significativa mais ampla, em que todas as demais estejam nesta sintetizadas”<sup>9</sup>, ou uma síntese das práticas e falas significativas que explicitem uma dada contradição. Busca-se então o **Contratema**, que é uma síntese da visão de mundo do coletivo de militantes de educandas e educandos, para dialogar com a visão de mundo da família camponesa, expressa no tema gerador. Ademais da centralidade da contradição na definição do Tema Gerador, avaliadas as circunstâncias locais, pode-se também priorizar de início determinada potencialidade passível de ser exponenciada na coletividade, na perspectiva de motivar os participantes a se mobilizarem e gerar uma dinâmica de protagonismo social.

A resultante deste processo constitui o “universo temático do povo”, o conjunto dos seus “temas geradores”, portanto, aí está o “conteúdo programático” da **Ação Pedagógica**, radicalmente fundada na realidade existencial do povo, e não na proposição idealizada de um coletivo de pessoas que levam ao povo os conteúdos que previamente definem como sendo necessário saberem e com estes se conscientizarem. Na sequência se dá o planejamento da **Ação Pedagógica**, com a definição das codificações a serem utilizadas - gráficos, fluxos, croquis, figuras, fotos, frases... -, bem como da metodologia da descodificação - o roteiro de questões que orientarão o diálogo problematizador<sup>10</sup>.

Dá-se então, a realização da Ação Pedagógica, quando educandas e educandos, juntamente com os integrantes de cada

---

<sup>8</sup> MST; ASPTA; INSTITUTO GIRAMUNDO MUTUANDO. **Agroecologia: Notas Introdutórias e análise de Agroecossistemas**. Setembro, 2005.

<sup>9</sup> SILVA, Antonio F. Gouvêa da. **A busca do Tema Gerador na Práxis da Educação Popular**. 2ª Ed. Curitiba: CEFURIA, 2007.

<sup>10</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2008.

família ou do coletivo de famílias a que esta se integra, passam a retomar os conteúdos pedagógicos didaticamente organizados no processo de diálogo problematizador, em busca da síntese cultural, do que se desdobra o plano de ação coletiva a ser efetivado na continuidade. Tem-se aí uma dinâmica em espiral ascendente, onde os “Temas Geradores” iniciais são tomados em reflexão-ação, com vistas aos seus enfrentamentos e possíveis superações, e neste mesmo processo social, novos Temas Geradores podem ser desvelados e retro alimentar o “conteúdo programático” na continuidade da “ação pedagógica”, de maneira a contribuir na ampliação, avanço e fortalecimento dos processos agroecológicos, em articulação com a luta e organização popular.

### **3. A ELABORAÇÃO DESTE CADERNO DA AÇÃO PEDAGÓGICA**

A elaboração deste caderno da Ação Pedagógica se deu inicialmente pela construção coletiva de um roteiro orientador, a partir da experiência acumulada ao longo do Diálogo de Saberes no Curso Técnico em Agroecologia (outras turmas produziram também Cadernos de Ação Pedagógica, mas essencialmente diferentes deste no formato e conteúdo). Alternaram-se momentos de trabalho em grupo e discussões em plenária a fim de criar uma síntese do itinerário a ser percorrido. O segundo passo foi a construção de uma história fictícia de uma família em seu processo de luta pela terra antes e depois do assentamento, utilizando textos e imagens (por fim optou-se coletivamente pela utilização de desenhos). Assim, a turma se organizou em dois grupos de trabalho se juntando posteriormente para fazer uma revisão coletiva, criando a primeira versão integral do texto. Todo este processo teve orientação de um coletivo de 10 educadores/as que auxiliaram no acompanhamento e problematização, parte dos quais também foi

responsável pela revisão e produção da versão final do caderno em 3 encontros de dois dias integrais cada, após o final do curso.

O conteúdo de ficção foi elaborado com base nas “falas e práticas significativas” identificadas no Diálogo de Saberes com as quatro famílias do Assentamento Milton Santos (Ernesto Auri e Marli dos Passos; Davi Jesus e Neidir Lemos e filhos; Alberto e Andréia Herman e filhas; e Antônio Almeida), embora algumas temáticas reflitam também particularidades da turma Chico Mendes, em seus processos formativos, conflitos e identidades. Entretanto, é importante destacar que, a partir das problematizações feitas pelos próprios educandos e pelos educadores, estão presentes elementos e temas em seu conjunto bastante representativos dos territórios de Reforma Agrária do sul do país.

Para o formato e organização em figuras e textos, o caderno inspirou-se diretamente em uma cartilha de alfabetização produzida pelo Movimento de Educação de Base-MEB em 1963<sup>11</sup>, especialmente destinada aos camponeses, no âmbito das diversas iniciativas daquele período (como o Movimento de Cultura Popular; a Campanha de Pé no Chão também se Aprende a Ler; os Centros Populares de Cultura da UNE). O MEB, criado em 1961, foi uma iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB, da igreja católica, com o objetivo de desenvolver uma educação de base, principalmente nas zonas rurais das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. A cartilha “Viver é Lutar” teve 50 mil exemplares impressos e distribuídos, parte apreendida ainda na gráfica sob as ordens do governador Carlos Lacerda, em 1964. Posteriormente, um inquérito foi aberto no Departamento de Ordem Política e Social-DOPS do Rio de Janeiro, sob a acusação de tratar-se de

---

<sup>11</sup> FÁVERO, Osmar. **Uma pedagogia da participação popular**: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961/1966). Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

uma “cartilha comunista”. Em decorrência disso, traduções e adaptações foram lançadas na França, na Alemanha e na Itália - foi a esta última que tivemos acesso<sup>12</sup>.

É nesse magnífico e belo processo histórico de lutas e organização popular que pretendemos contribuir com este caderno!

#### 4. SUGESTÕES PARA A UTILIZAÇÃO DESTE CADERNO

O conteúdo deste Caderno da Ação Pedagógica corresponde diretamente a uma experiência específica que, portanto, não é passível de generalização plena, mas certamente, muito pode se adequar a diferentes realidades internas de acampamentos e assentamentos organizados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Outra consideração a destacar é que pode inspirar o desencadeamento de um processo coletivo de pesquisa, sistematização e análise que culmine na elaboração de novos Cadernos de Ação Pedagógica em distintas realidades. Justamente por esta razão, apresentamos em anexo informações complementares que possam auxiliar avaliações e planejamento de atividades nesta mesma perspectiva.

A condição necessária é orientar-se pelos fundamentos da “Pedagogia da Libertação” postulada por Paulo Freire, apresentada em sua evolução ao longo da sua obra, e por outras e outros pedagogos-educadores; e enfatizemos, pela Pedagogia do Movimento Sem Terra, que apresentamos resumidamente para situar este campo teórico e estimular seu estudo e aplicação na práxis educativa popular, técnica e escolar.

Optou-se por organizar os “temas” ou “conteúdos”, identificados na realidade pesquisada, na forma de uma história, apresentada em texto curto e direto e problematizador, acompanhado de uma imagem, um desenho, diretamente relacionado. Texto e imagem expressam o conteúdo proposto ao diálogo problematizador, possibilitando a superação da “educação bancária”.

Para cada imagem e texto, as pessoas devem ter um tempo inicial de apreciação silenciosa – um momento de introspecção –, seguido da observação da imagem e leitura do texto, agora como ação coletiva. O diálogo problematizador deve orientar-se tanto pelo texto quanto pelas possibilidades que a imagem oferece. A centralidade da atividade da educadora e do educador é orientar e estimular a que as e os participantes se coloquem mais e mais em situação problematizadora, indagadora, desafiados inicialmente pelo conteúdo exposto no texto e na imagem, e na medida em que forem se posicionando, suas considerações sejam problematizadas pelo grupo, de modo a fomentar o diálogo problematizador.

Por meio desta dinâmica, pretende-se que, tão logo se identifiquem naquela situação apresentada no Caderno, se coloquem a problematizar sua realidade imediata em conexão cada vez mais ampla e geral. Podem assim, alterar, modificar, ampliar e criticizar sua compreensão da realidade e formular sugestões à sua superação como síntese de ação coletiva – propostas de um Plano de Ação Coletiva que pode ser em partes levado à prática pelo grupo, ou, a depender da complexidade, somar-se ao processo de planejamento e ação do acampamento e assentamento, ou algum Setor, Núcleo de Base, Associação, Cooperativa, Grupos – Mulheres, Jovens, LGBTs, Escolas.

A ação da educadora e do educador exige dedicado e rigoroso planejamento prévio frente a cada “tema – conteúdo”, sendo oportuno que organizem novas questões, informações e

---

<sup>12</sup> MEB. Movimento de Educação de Base. **Vivere è lottare**: manuale di alfabetizzazione. Milano: Ed. Ottaviano, lib. Calusca, Centro di doc. Pistoia, 1976.

dados complementares, materiais didáticos, como novas imagens, canções, poemas, fragmentos de falas (discursos, vídeos, recortes de jornais e revistas), podendo-se propor uma “mística”, etc. A toda essa preparação prévia, Paulo Freire denomina de “ficha roteiro”, da qual apresentamos duas singelas referências em anexo (ANEXO I), com o título de “Ficha da Educadora – do Educador”.

Uma possibilidade de adequação metodológica é utilizar as imagens sem o texto correspondente, a exemplo do “Tema dobradiça Conceito Antropológico de Cultura” apresentado por Freire no livro *Educação como Prática da Liberdade*<sup>13</sup>, onde o autor, para cada imagem, apresenta apenas uma “Ficha do Educador”, como síntese de um conteúdo mínimo fundamental que orienta o diálogo problematizador com as e os participantes. Esta escolha permite também que deste Caderno se recolha apenas os desenhos que sejam adequados à realidade local, para compor com os desenhos próprios do grupo o conjunto de imagens que irão orientar o diálogo problematizador no contexto em que se planeja a realização da ação pedagógica.

Sabedores que somos de que a educação se dá na dialética de forma e conteúdo, reiteramos, na perspectiva freiriana, o “círculo de cultura”, onde, conscientes das funções diferenciadas dentre educadoras e educadores e educandas e educandos, somos camaradas – companheiras, companheiros; a necessidade de que as e os participantes se posicionem preferencialmente em círculo, de modo que todas e todos se vejam igualmente; os espaços físicos em uso tenham correspondente ornamentação, associando a beleza e o vigor dos nossos símbolos; e o conteúdo seja o nosso viver – a nossa existência – a nossa realidade como ponto inicial e ponto de chegada, agora, demandando novas ações coletivas à sua

transformação, segundo as nossas necessidades de classe trabalhadora.



Figura 1: capa e primeira lição da cartilha “Viver é lutar!” (1963)

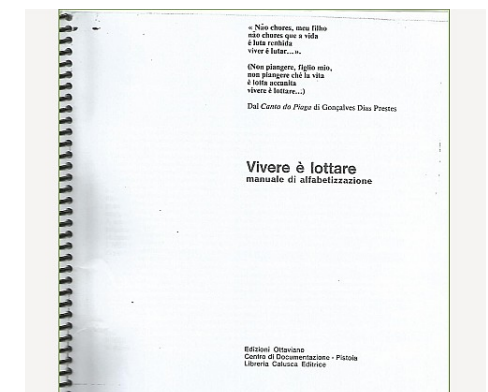


Figura 2: cópia xerográfica da versão italiana da cartilha (arquivo pessoal de José Maria Tardin)

<sup>13</sup> FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1967.





## SEGUNDA PARTE

*“Atenção jovem do futuro,  
6 de Setembro do ano de 2120,  
aniversário ou centenário  
da Revolução Socialista Mundial,  
que unificou todos os povos do planeta  
num só ideal  
e num só pensamento de unidade socialista  
que pôs fim a todos os inimigos  
da nova sociedade.  
Aqui fica somente a lembrança  
de um triste passado  
de dor, sofrimento e morte.  
Desculpem... Eu estava sonhando  
quando escrevi estes acontecimentos;  
que eu mesmo não verei  
mas tenho o prazer de ter sonhado”*



Créditos da imagem: Revista Xapuri Socioambiental<sup>14</sup>

*Chico Mendes*

(Bilhete escrito em 1988, ano de seu assassinato).

---

<sup>14</sup> XAPURI Socioambiental, ano 5, n. 50, dez. 2018. Reportagem de capa: Chico Mendes 30 anos - Ressoam as vozes da floresta. Disponível em: <https://www.xapuri.info/wp-content/uploads/2018/11/Xapuri-Magazine-50-1.pdf>



## DIÁLOGO 1 - LUTAR!!!



Eu vivo e luto.

Rosa vive e luta.

Sebastião vive e luta.

Sem Terrinha vive e luta.

Juventude Sem Terra vive e luta.

Mulher e Homem Sem Terra vivem e lutam.

LGBTQI<sup>15</sup> Sem Terra vivem e lutam.

O povo Sem Terra vive e luta.

Viver é lutar!

<sup>15</sup> Sigla que representa a diversidade de identidades de gênero e de orientação sexual: gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transsexuais, *queer* e intersex.

## DIÁLOGO 2 - A ESCOLA É PARA TODOS?



Eu não estudei na escola.

Rosa não estudou na escola.

Sua família trabalha numa fazenda.

Eu tive vontade de estudar.

Rosa teve vontade de estudar.

Por que Rosa não pôde ir à escola?

Todos têm direito de ir à escola?

A escola é para todos?



### DIÁLOGO 3 - O QUE É NECESSÁRIO PARA QUE TODOS POSSAM CONTINUAR NA ESCOLA?



Sebastião é filho de meeiros.

Ele estudou até a quarta série.

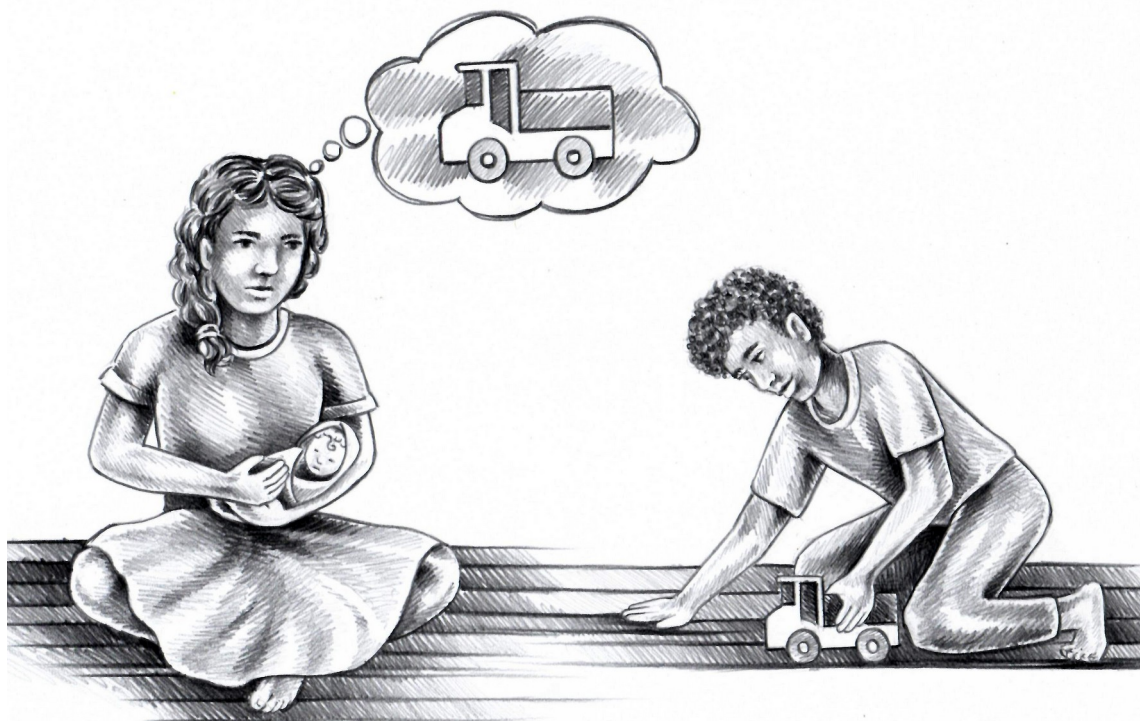
Todo o povo tem direito de ir à escola.

Por que a maioria das pessoas pára de estudar na escola?

Algumas pessoas podem estudar muitos anos na escola.

O que é necessário para que todos possam continuar na escola?

## DIÁLOGO 4 - QUEM DECIDE O QUE É DE MENINA E O QUE É DE MENINO?



Rosa brinca de boneca e de casinha.

Seu irmão brinca de bola, carrinho e arma de brinquedo.

Ele tem brinquedos de muitas cores, só não tem cor-de-rosa.

Ele tem arma de brinquedo. O que se aprende com esta brincadeira?

Os pais não deixam José brincar com os brinquedos de Rosa.

Rosa quer brincar com José.

José fala: “Menina brinca de casinha!”.

Por que há diferença de brincadeiras entre menino e menina?

Quem decide o que é de menina e o que é de menino?

## DIÁLOGO 5 - QUEM DECIDE O QUE É TRABALHO DE MENINO E TRABALHO DE MENINA?



Eu trabalho desde criança.

Rosa é criança e já trabalha em casa.

Seu irmão José trabalha na roça.

José não faz trabalho doméstico.

Meninas trabalham na roça?

Por que os meninos não fazem trabalho doméstico?

Quem decide o que é trabalho de menino e trabalho de menina?

O que se ensina com esta separação?

## DIÁLOGO 6 - TODOS TEM QUE TRABALHAR NA INFÂNCIA?



Sebastião é menino e já trabalha.

Trabalha porque sua família precisa.

Precisa ter comida e pagar a parte do fazendeiro.

Criança precisa brincar?

Todos têm que trabalhar na infância?

Quando a criança do campo pode começar a trabalhar?

O que se aprende pelo trabalho?



## DIÁLOGO 7 - POR QUE O HOMEM GANHA MAIS DO QUE A MULHER?



O pai de Rosa trabalha cuidando dos animais.

A mãe de Rosa trabalha de cozinheira, faxineira e cuida da horta da fazenda.

O pai de Rosa ganha mais do que sua mãe.

Por que o homem ganha mais do que a mulher?

A mãe de Rosa faz o trabalho na fazenda, cuida de sua casa e dos filhos.

O trabalho na casa e o cuidado com os filhos é coisa de mulher?

A mulher nasceu para servir?

Todas as mulheres precisam trabalhar?

## DIÁLOGO 8 - O FAZENDEIRO NÃO TRABALHA NA TERRA



Eu trabalho na roça.

Sebastião trabalha na roça.

A família de Sebastião trabalha na roça como meeiros.

A família de Sebastião entra com o trabalho.

O fazendeiro possui a terra.

O fazendeiro não trabalha na terra.

Eles dividem a produção.

Quem ganha mais nessa história?

Por que a família não possui a terra?



## DIÁLOGO 9 - QUE FESTAS REALIZAMOS EM NOSSA COMUNIDADE?



Esse ano houve colheita farta.

A comunidade organiza a festa da colheita e a feira das sementes.

As famílias de Sebastião e Rosa participam na organização da festa.

As famílias se conhecem.

Rosa e Sebastião começam a se gostar e depois de um tempo começam a namorar.

Que festas realizamos em nossa comunidade?

## DIÁLOGO 10 - O POVO TEM CULTURA



Festa é cultura do povo.

O povo gosta de festa.

O povo tem cultura.

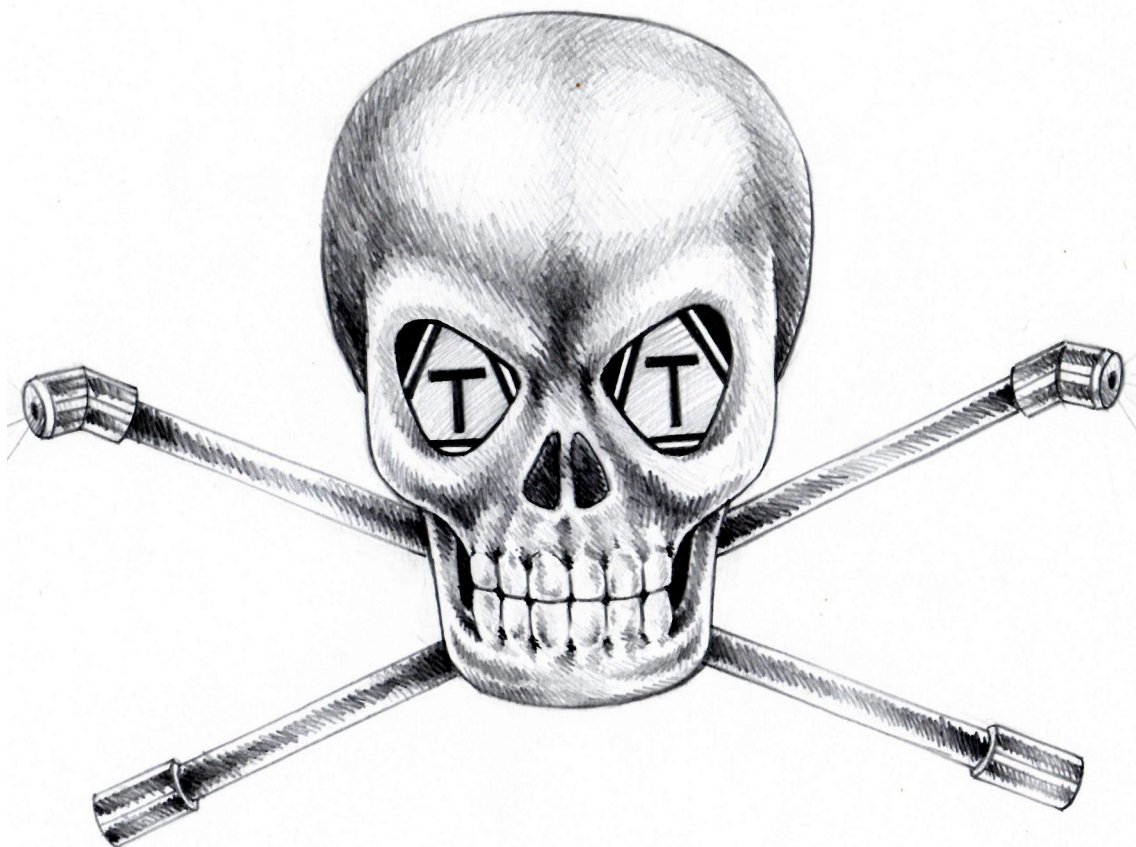
A arte popular é cultura.

A agricultura é cultura?

A diversidade cultural é uma  
riqueza do povo.

O povo sofre invasão cultural?

## DIÁLOGO 11 - NA FAZENDA NÃO SE PRODUZ ALIMENTO SAUDÁVEL



Trabalhador rural e meeiro são explorados e obedecem o fazendeiro.

Fazendeiro faz o que quer, manda passar veneno.

Trabalhador passa veneno e fica doente.

Na fazenda não se produz alimento saudável.

A agricultura se tornou dependente.  
Por que?

A quem interessa essa forma de agricultura?

O que essa mudança faz com a natureza?

## DIÁLOGO 12 - QUEM TRABALHA NO CAMPO E NA CIDADE É EXPLORADO



Rosa e Sebastião se casam e vão morar na cidade.

O que causa a expulsão de muitas famílias do campo para a cidade?

Rosa está grávida, o casal decide chamar o filho de Lucas.

Na cidade a vida também é muito difícil.

Eles passam fome na cidade. Sofrem várias privações.

Na cidade existem muitas famílias nessa situação?

Na cidade eles também são explorados. Quem explora?

Quem trabalha no campo e na cidade é explorado.



## DIÁLOGO 13 - O QUE LEVA AS PESSOAS A DECIDIREM SE ACAMPAR?



Rosa e Sebastião conhecem a feira da Reforma Agrária. Ficam admirados com a diversidade de alimentos saudáveis.

A vida continua difícil na cidade.

O casal sonha em voltar para a terra.

Muitas famílias sonham em viver no campo?

Sebastião e Rosa participam de uma reunião, onde conhecem a luta pela terra e o MST.

O que leva as pessoas a decidirem se acampar?

## DIÁLOGO 14 - QUANDO COMEÇOU A LUTA PELA TERRA NO BRASIL?



Rosa e Sebastião decidem se acampar.

A família de Rosa é contra a decisão.

“Vocês não podem invadir a terra dos outros”.

“A gente sempre vê na televisão que os sem-terra são uma organização criminosa”.

Lutar é crime?

A família de Sebastião apoia, pois vê uma grande oportunidade de voltar para o campo.

Quem possui a terra no Brasil?

Quando começou a luta pela terra no Brasil?



## DIÁLOGO 15 - O POVO RESISTE!



Certo dia, Rosa e Sebastião partem com a companheirada para uma ocupação.

Derrubam a cerca do latifúndio e entram na tão sonhada terra.

Porque as pessoas precisam ocupar a terra?

As famílias se organizam para montar o acampamento.

A luta não é fácil.

Fazendeiro contrata pistoleiro para fazer o despejo.

O povo resiste!

O juiz determina a reintegração de posse. A polícia faz o despejo.

Porque o povo Sem Terra sofre tanta repressão?

## DIÁLOGO 16 - A LUTA SEGUE EM FRENTE!



Sebastião fica abalado, mas Rosa não desanima e o casal segue firme na luta.

Sentem que a luta não é só deles.

É uma luta por justiça social.

A luta de Rosa e Sebastião é nossa luta.

“É fácil quebrar uma vara, difícil é quebrar um feixe!”

Porque a luta contra o latifúndio é importante para toda a sociedade?

Porque nem toda a sociedade apoia a luta pela terra?

A luta segue em frente!

## DIÁLOGO 17 - DE QUE MANEIRA ACAMPAR MUDA A VIDA DAS PESSOAS?



A luta segue organizada.

As famílias reocupam a fazenda.

No acampamento passam necessidades.

Falta energia, água e comida. Com organicidade enfrentam os desafios.

No núcleo de base todos podem participar e ter formação. Rosa, no setor de saúde. Sebastião, no setor de produção.

Rosa começa a estudar na escola itinerante.

Lucas participa da ciranda infantil. Ele vai ter uma irmãzinha, seu nome será Valentina.

De que maneira acampar muda a vida das pessoas?

## DIÁLOGO 18 - O QUE O POVO APRENDE NA LUTA?



No acampamento é preciso cooperação.

O acampamento é cooperação!

“O grito dado por cem vai mais longe que o grito dado por um só”.

Todos participam dos mutirões e fazem roça coletiva.

Fazem trabalho voluntário nas escolas itinerantes e centros de formação.

Participam nas mobilizações.

O que o povo aprende na luta?



## DIÁLOGO 19 - ALIMENTOS SAUDÁVEIS, SERES HUMANOS SAUDÁVEIS



As companheiras e os companheiros organizam a produção no acampamento.

Trocam sementes e compartilham conhecimentos.

Produzem alimentos saudáveis.

Na prática e no estudo vão conhecendo a proposta do MST.

Alimentos saudáveis, seres humanos saudáveis.

Ainda é possível produzir sem veneno?

Quem consome alimentos saudáveis?

## DIÁLOGO 20 - UM POVO SÓ MARCHA PARA A LIBERTAÇÃO, QUANDO CAMINHA COM SUA CULTURA



As famílias acampadas organizam atividades culturais.

Rosa e Sebastião participam das noites culturais.

Sebastião é bom violeiro, e sempre anima os encontros do MST.

A mística é cultura.

A luta é cultura.

“Um povo só marcha para a libertação, quando caminha com sua cultura”.

O povo Sem Terra caminha com sua cultura?



## DIÁLOGO 21 - SEM LUTA HÁ CONQUISTA?



Passaram-se vários anos. O sonho de conquistar a terra continua.

A luta segue firme.

Enfrentando a polícia e os pistoleiros.

Trancando rodovias.

Ocupando o INCRA.

Marchando para Brasília.

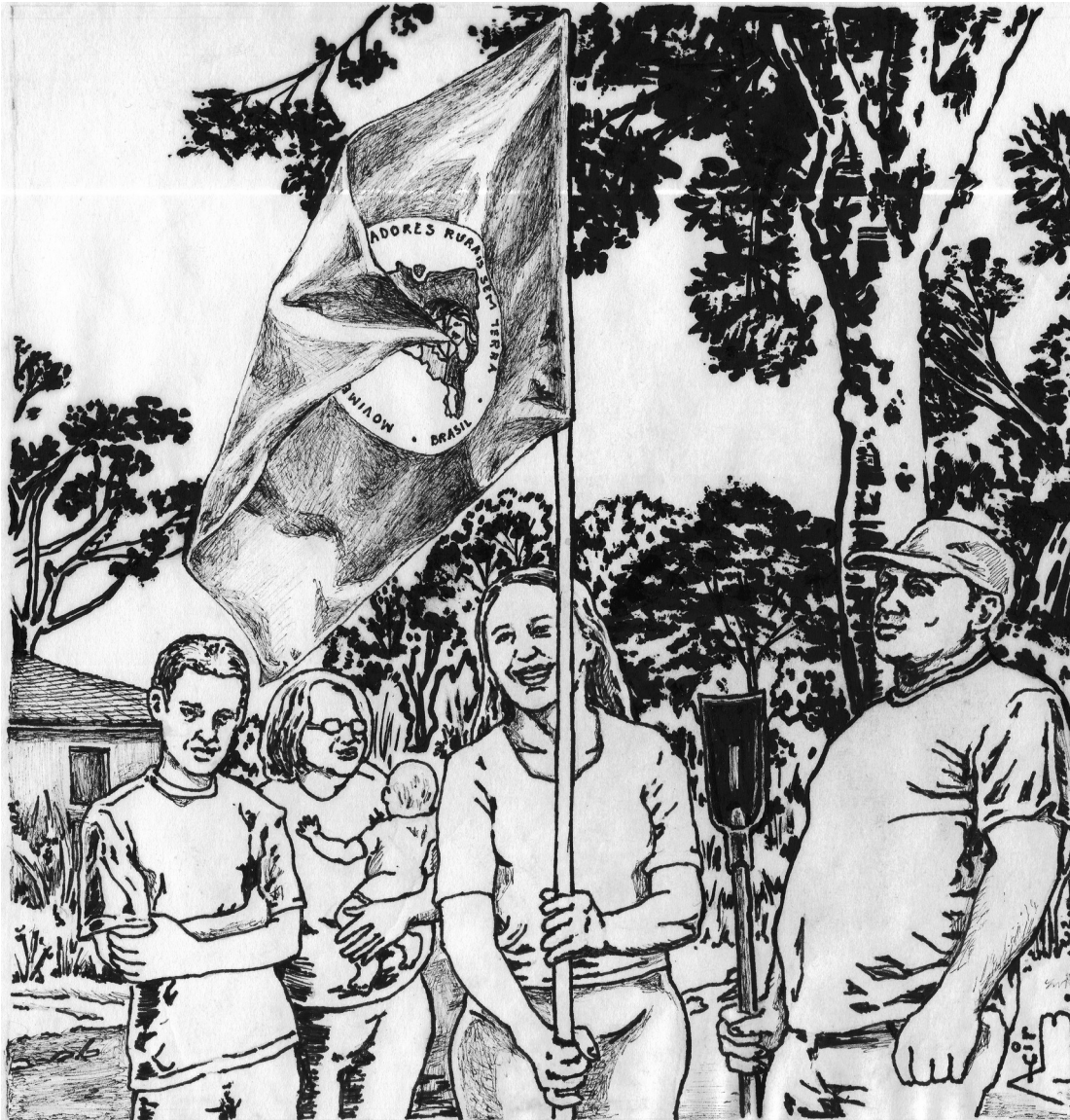
Sem luta há conquista?

Rosa e Sebastião conquistam a terra!

As companheiras e companheiros conquistam a terra!

A festa da vitória vai até o sol raiar!

## DIÁLOGO 22 - TODAS AS FAMÍLIAS TÊM SONHOS



Ao chegar no lote, Rosa, Sebastião, Valentina e Lucas se emocionam e se abraçam felizes!

Caminham conversando como organizar a vida na terra conquistada.

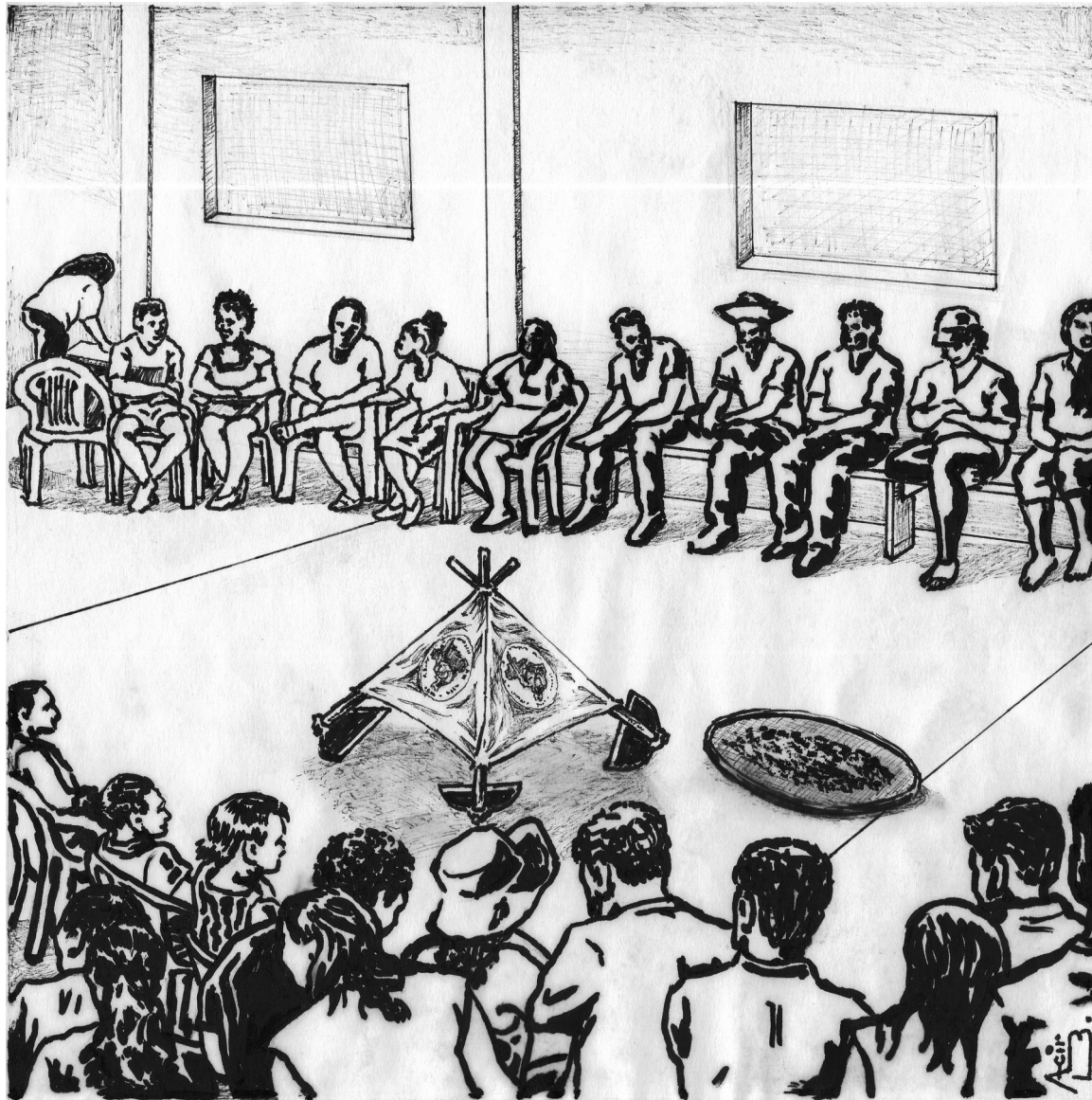
A família tem poucos bens materiais. Mas já tem a terra para trabalhar!

Eles têm muitos sonhos!

Todas as famílias têm sonhos.

Podemos sonhar juntos no assentamento?

## DIÁLOGO 23 - O ASSENTAMENTO É UM TERRITÓRIO COLETIVO



As famílias conquistaram a terra.

O assentamento é um território coletivo. A estrutura organizativa deve permanecer viva.

Em assembleia, as famílias se perguntam:

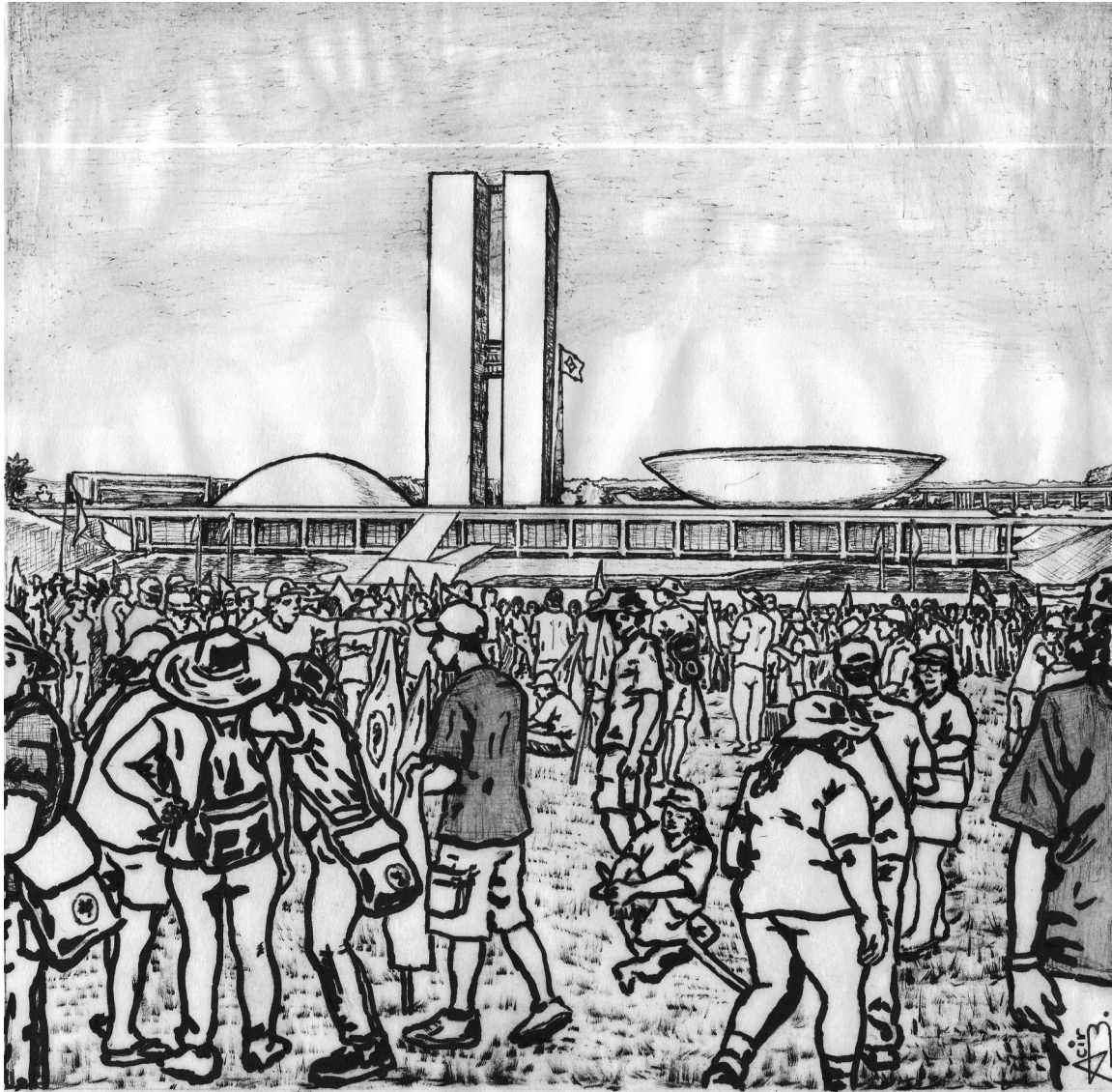
- O que é preciso para organizar o assentamento que queremos?

Discutem como vai ser a vida no assentamento: moradia, infraestrutura, educação, saúde, esporte, lazer, arte e cultura, convivência, produção, meio ambiente e muito mais.

Decidem continuar produzindo alimentos saudáveis sem o uso de agrotóxicos.

Ainda há muito que construir!

## DIÁLOGO 24 - REFORMA AGRÁRIA É MAIS DO QUE TERRA



Ainda não existe nenhum crédito liberado para o assentamento.

Reforma Agrária é mais do que terra.

As políticas públicas para a Reforma Agrária são insuficientes.

As famílias lutam para garantir os seus direitos.

O Estado tem políticas e muito dinheiro para fortalecer o Agronegócio.

Porque não tem para a Reforma Agrária?

O que é preciso fazer para avançar na Reforma Agrária?



## DIÁLOGO 25 - PORQUE SOMENTE A HORTA É ORGÂNICA?



Rosa e Sebastião ainda produzem pouca diversidade de alimentos.

A principal produção para venda é leite e mandioca.

Produzem com uso de venenos, rações transgênicas e drogas veterinárias.

Com o dinheiro da venda compram a maior parte dos alimentos no mercado.

Eles têm uma horta orgânica.

Porque somente a horta é orgânica?

Todos concordaram produzir com agroecologia. Por que isso nem sempre é colocado em prática?

## DIÁLOGO 26 - ALIMENTO É SAÚDE



As famílias camponesas têm a função social de produzir alimento saudável.

Alimento é saúde.

Os alimentos que produzimos garantem a nossa saúde?

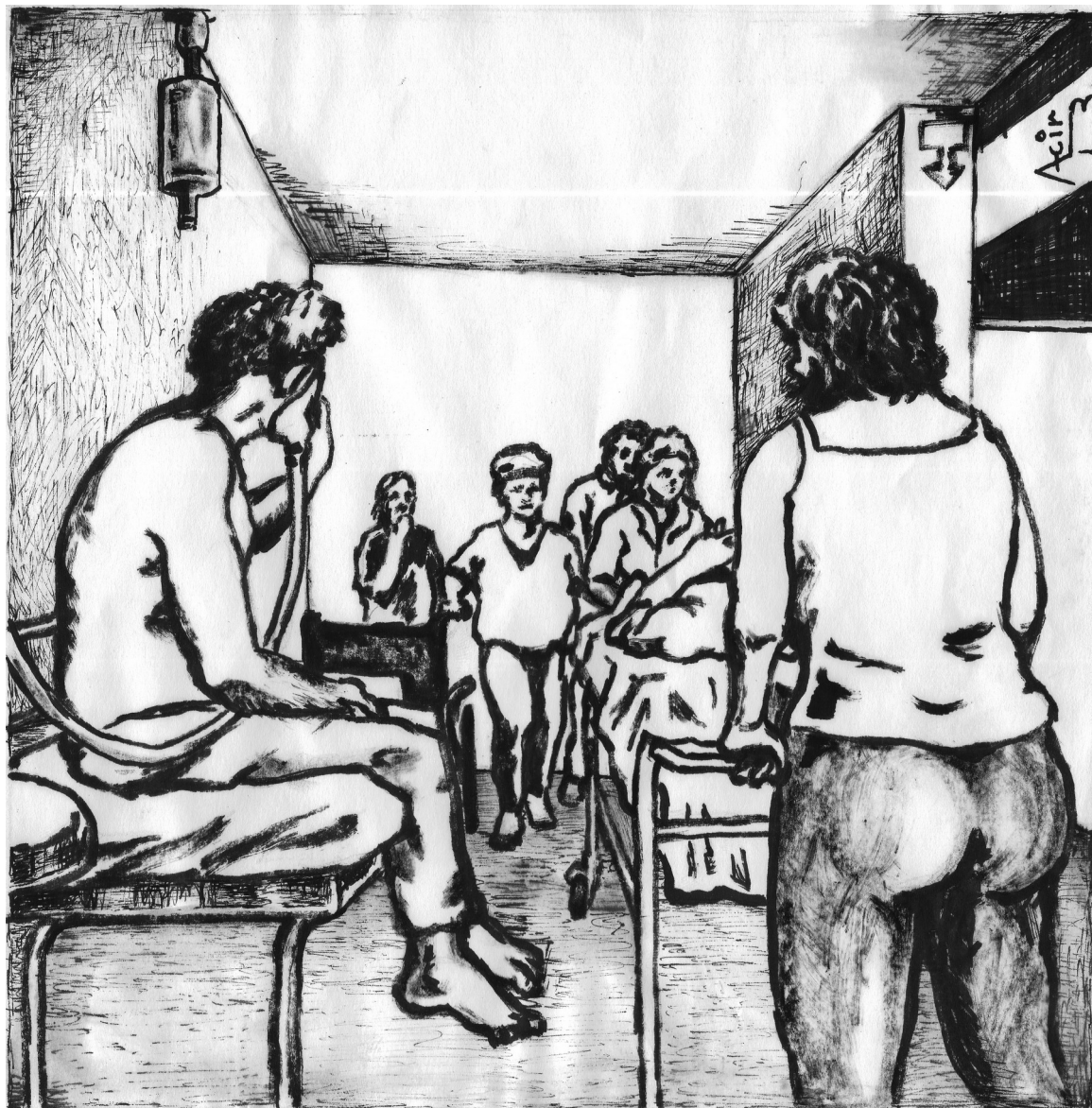
A maior parte dos alimentos consumidos no Brasil são produzidos pelo campesinato.

O Brasil tem soberania alimentar?

As famílias no assentamento produzem a sua soberania alimentar?



## DIÁLOGO 27 - O QUE É VIVER COM SAÚDE?



Sebastião se intoxica utilizando agrotóxico e tem que ir para o hospital.

O hospital está lotado.

Porque tanta gente doente?

A saúde é um direito de todos.

Hospital é lugar de doença e não de saúde.

O que é viver com saúde?

As pessoas vivem com saúde no assentamento?

Lutar por saúde é lutar pela vida

## DIÁLOGO 28 - TODAS E TODOS SEM TERRA ESTUDANDO!



Valentina e Lucas concluíram o ensino médio na escola do assentamento. A comunidade conquistou a escola com muita luta!

Rosa e Sebastião incentivam Valentina a fazer o curso técnico em Agroecologia.

Lucas vai estudar Veterinária.

Todas e todos Sem Terra estudando!

Por que o estudo é importante?

É só na escola que a gente se forma?

O assentamento proporciona formação para os jovens?

## DIÁLOGO 29 - “A EDUCAÇÃO MUDA AS PESSOAS. PESSOAS TRANSFORMAM O MUNDO”



Enquanto faz o curso, no tempo comunidade, Valentina faz novas práticas agroecológicas com sua família.

Eles aprendem que é possível produzir de tudo sem veneno e outras drogas da indústria.

“A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Os estudantes são inseridos nas atividades internas do assentamento?

Como a juventude participa no assentamento?

## DIÁLOGO 30 - VAMOS RETOMAR A AGROECOLOGIA?



Rosa e Sebastião querem avançar na Agroecologia. Entendem que não podem ficar isolados.

Por que a Agroecologia precisa da cooperação?

Na assembleia do assentamento, Sebastião retoma a pauta da Agroecologia:

- Nós precisamos produzir sem veneno! ”

Todos e todas ouvem Sebastião, mas a maior parte não se importa muito com o que ele fala.

Falar nesse assunto não é fácil. Sebastião insiste:

- Companheirada, vamo retomá a Agroecologia?



## DIÁLOGO 31 - UM PROBLEMA DE TODOS



Geraldo se manifesta contra as ideias de Sebastião:

– Chega de sofrê, não quero se matá trabaiando. Com veneno tudo fica mais fácil, home!

Muitos concordam com Geraldo.

Rosa conta o ocorrido com seu companheiro. O pessoal fica inquieto ao saber o que o veneno causou a Sebastião.

– Nós tâmo acabando com nosso lugarzinho de vivê! - diz Rosa.

Esse é um problema de todos.

As famílias do assentamento podem enfrentar esse problema?



## DIÁLOGO 32 - AS MULHERES PARTICIPAM DAS DECISÕES?



Rosa e Sebastião recebem Seu Geraldo em sua casa.

Conversam sobre o trabalho de casa e o da roça. Geraldo comenta que sua esposa o ajuda na lavoura.

– O que nois muié fazemo é mais que ajuda! O que nois fazemo é trabaio tamém! - afirma Rosa.

Muita coisa que a família produz é para o seu consumo. Essa produção é importante? Quem faz esse trabalho?

Rosa conta que ela e Sebastião decidem juntos e trabalham juntos no lote.

As mulheres do assentamento participam das decisões no lote?

E das decisões no assentamento?

## DIÁLOGO 33 - TRABALHAR DE EMPREGADO NA CIDADE



Lucas conclui o curso e volta para casa.

Trabalha com sua família e presta atendimento veterinário no assentamento.

Lucas deseja ter uma renda própria maior.

As pessoas no assentamento não tem condições de remunerar melhor o seu trabalho.

Decide ir trabalhar de empregado na cidade.

Por que a renda da produção da maioria das famílias não garante a permanência dos jovens no assentamento?

## DIÁLOGO 34 - AS FAMÍLIAS ASSENTADAS PRECISAM PAGAR DIÁRIAS?



Muitas pessoas na cidade querem comprar alimentos agroecológicos.

Rosa e Sebastião decidem aumentar a produção.

É preciso mais pessoas para dar conta do trabalho.

Muitas famílias do assentamento pagam trabalhadores por diárias.

Contratar trabalho por diária é exploração?

As famílias assentadas precisam pagar diárias?



## DIÁLOGO 35 - NEM TODOS LUTAM, MAS TODOS SE BENEFICIAM



As estradas estão precárias.

Precisam ser arrumadas urgentemente.

Nas reuniões com a coordenação do assentamento, a prefeita prometeu várias vezes, e não cumpriu.

As famílias se organizam e ocupam a prefeitura. Lutam pelos seus direitos.

Várias famílias não foram na ocupação.

As estradas foram arrumadas. Todos foram beneficiados.

Por que com o passar dos anos algumas famílias deixam de participar das lutas?

## DIÁLOGO 36 - SOMOS TODOS E TODAS SEM TERRA!



Maria, filha de Marcelina e Geraldo, convida vários jovens para o seu aniversário. Ela pergunta:

- Vocês lembram que no acampamento e nos primeiros anos de assentamento, a gente organizava muitas atividades coletivas?

Por que com o passar do tempo as atividades culturais e políticas foram se perdendo?

- Será que todos se lembram da história da conquista da terra e do nome do assentamento? - pergunta Valentina.

O que os jovens podem fazer para mudar essa realidade?

Quais os desafios para todos cultivarem a pertença e o entusiasmo dentro do assentamento?

Somos todos e todas Sem Terra!



## DIÁLOGO 37 - POR QUE É DIFÍCIL RESPEITAR A DIVERSIDADE?



Lucas volta para casa.

Se assume homossexual. De início gerou uma grande tensão na família.

Sua mãe o apoia.

Seu pai não consegue lidar com essa situação e o manda embora.

- Nosso fio não vai embora, temo que apoiá sua decisão - disse Rosa.

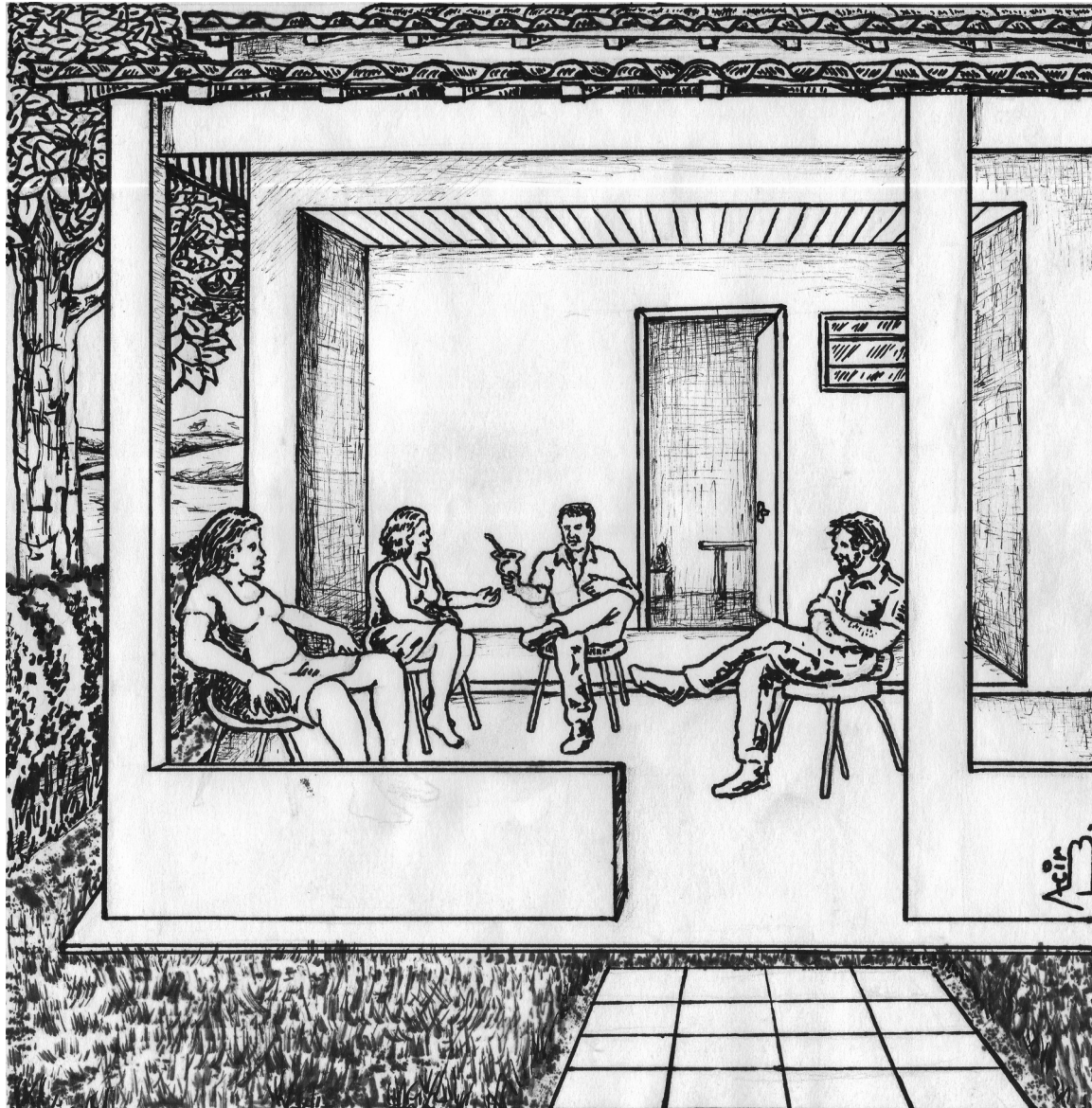
Ser homossexual é uma escolha?

Todas as famílias apoiam seus filhos LGBTQIs (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros)?

No assentamento tem debates sobre a diversidade de gênero?

Por que é difícil para a maioria das pessoas respeitar a diversidade da orientação sexual?

## DIÁLOGO 38 - O QUE VOCÊS FAZEM?



Geraldo e sua companheira Marcelina querem saber mais sobre Agroecologia.

Visitam Rosa e Sebastião. São muito bem recebidos.

Marcelina diz:

- Ô, comadre! Que o veneno faz mal, isso a gente já sabe. A gente não esquece que o compadre Sebastião quase bateu as botas aquela vez.

- O veneno também prejudica a natureza.

- Nós usamo veneno pra matá os bichinho que come a plantação.

- O que ocêis me diz? O que ocêis faiz?



## DIÁLOGO 39 - ÁGUA É VIDA!



- Um dano grave é o envenenamento da água. - diz Sebastião. E lembra da música\*:

*“...quando se envenena a terra  
a chuva leva pro rio,  
nossa poesia chora  
se a vida está por um fio...”*

Rosa se manifesta:

- E tem esse problema que lá na cidade o povo tem que comprar água até pra bebê, ocê imagina? Veja que, se a gente tá com sede lá na cidade, tem que vendê três litro de leite pra comprá uma garrafinha d'água!

Água é vida! A água é de todos e todas! Qual o cuidado que se tem com a água no assentamento?

A água pode ser mercadoria?

\* “Caminhos Alternativos”, de Zé Pinto – álbum “Cantares da Educação do Campo” (2006).

## DIÁLOGO 40 - O QUE É AGROECOLOGIA PARA NÓS?



Geraldo e Marcelina querem mudar o modo como produzem.

Viram que é possível produzir sem veneno.

As duas famílias retomam a discussão de Agroecologia no setor de produção.

Um grupo de famílias vai conhecer a produção agroecológica na Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória – COPAVI\*.

Voltam mais animados. Percebem que a Agroecologia é mais do que produzir sem usar agrotóxico.

O que é Agroecologia para nós?

\* Essa cooperativa está localizada no município de Paranacity, região noroeste do Paraná.

## DIÁLOGO 41 - PRECISAMOS MUDAR NOSSO MODO DE PRODUZIR E VIVER NO CAMPO



Algumas famílias se organizam em grupo para trabalhar com Agroecologia.

- Nós precisamos mudá nosso modo de produzi e de vivê!'- afirma Rosa.

- Precisamos produzi alimentos saudável pra nós! - diz Sebastião.

- E pro povo também! - complementa Geraldo.

- Eu acho que nós podia chamá o grupo de "Organização Camponesa"! - propõe Marcelina.

O grupo organiza uma feira na cidade. Melhora a renda das famílias.

Como envolver mais companheiros e companheiras na Agroecologia?

Quais são os desafios para ter o assentamento agroecológico?



## DIÁLOGO 42 - SEGUIREMOS LUTANDO?



As famílias produzem diversidade de alimentos saudáveis.

Trabalhando de forma cooperada avançam na soberania alimentar.

Agroecologia é transformação.

Agroecologia é vida.

Agroecologia é luta!

O assentamento precisa de novas conquistas.

- As conquistas se alcançam na luta.  
Seguiremos lutando? - pergunta Rosa.

Lutando por Reforma Agrária, com agroecologia para produzir soberania alimentar, para o campo e a cidade?

Reforma Agrária Popular!

## DIÁLOGO 43 – SEGUIR ENFRENTANDO NOSSOS INIMIGOS DE CLASSE



Os capitalistas controlam com muito mais força e dinheiro muitos partidos políticos e as eleições, os meios de comunicação, o judiciário, as polícias e as forças armadas. É só lembrar do golpe que deram em 2016. E o que fizeram nas eleições de 2018?

O que dizer dos governos daquele período sobre: a Reforma Agrária? Os Povos Indígenas e Quilombolas? O desemprego e os salários? O custo de vida? A pandemia do COVID? O incentivo à violência, a tortura e a liberação de armas de fogo? A corrupção e a proteção com o sigilo de 100 anos?

E como foram as eleições de 2022?

O que precisamos conquistar nas lutas neste novo período?

Como vamos seguir enfrentando o agronegócio?

## DIÁLOGO 44 - VIVER É LUTAR! E CONSTRUIR REFORMA AGRÁRIA POPULAR!!!



A luta Sem Terra segue em frente.  
Acampar. Ocupar. Resistir. Produzir.  
Unir as forças dos Povos do Campo,  
das Águas e Florestas e das  
Trabalhadoras e Trabalhadores da  
cidade para lutar, resistir e avançar em  
novas conquistas!

Vamos continuar com nossos estudos,  
planejamentos e trabalhos na produção?  
Nos fortalecer com a cooperação?  
Praticar agroecologia no dia a dia?  
Plantar árvores e produzir alimentos  
saudáveis?

Garantir nossa soberania alimentar?  
Como dizemos: MST, a Luta é pra Valer!

**Viver é lutar!**

**E construir Reforma Agrária Popular!!**

**1. FICHAS DA EDUCADORA/DO EDUCADOR**

Conforme apontamos na primeira parte deste caderno, há necessidade de se fazer uma preparação pedagógica e didática prévia a cada encontro de estudos e práticas. Apresentamos aqui um exemplo de como a educadora/o educador podem elaborar fichas ou roteiros que irão orientar e apoiar o estudo do *Caderno* com os participantes. As fichas podem ser preparadas pela educadora/pelo educador para cada um dos *Diálogos*, e para os temas que são transversais ao Caderno.

**FICHA DO DIÁLOGO n. 02 - “A escola é para todos?”**

O núcleo temático nesta “situação” é o não acesso à escolarização.

As três perguntas do texto orientam o grupo a um amplo campo de opiniões iniciais, e atento a elas, a educadora/o educador pode acrescentar novas questões e apresentar dados e informações que estimulem a problematização.

Exemplo de questões:

- Quem entre nós tinha vontade de ir à escola e não pôde ir? Por que não pôde? Onde vivia naquela época?
- Outras pessoas na família ou amigos e amigas também não puderam estudar na escola? Por que?
- Há diferença sobre esta situação no campo e na cidade? Por que?
- Como podemos organizar a alfabetização de todas e todos Sem Terra em nosso assentamento?

Dados a apresentar – sendo possível, do local, do município, do estado e do país:

- Número de escolas para os diferentes níveis.
- Números – população infantil total e população infantil na escola, e o mesmo para demais faixas etárias.
- Número de escolas fechadas no campo.
- Número de pessoas iletradas por faixa etária, por gênero, por etnia (raça).

Estar atentos para problematizar a busca da superação desta realidade atual, e evidenciar dialogicamente as sugestões que possam emergir dos participantes em algum momento.



## ORIENTAÇÕES PARA A PREPARAÇÃO DE FICHAS DOS TEMAS TRANSVERSAIS – “AGROECOLOGIA E COOPERAÇÃO”

Estes são os temas transversais deste Caderno. Eles podem ser colocados a qualquer momento dos estudos, problematizações e debates em cada *Diálogo*. O desafio à educadora e ao educador é apreender o conteúdo específico na relação com a agroecologia e a cooperação que possa ser oportuno de ser colocado em diálogo problematizador a cada momento. Abordar a *agroecologia* e a *cooperação* de maneira transversal, perpassando as oportunidades em cada *Diálogo* exige a preparação teórica contínua e criatividade permanente.

Indicamos ao longo e ao final do Caderno algumas fontes bibliográficas e eletrônicas como referências iniciais. Destacamos a necessidade do estudo de conteúdos que organizam a concepção de agroecologia e cooperação que vimos acumulando e sistematizando no MST – estudar como ponto de partida os verbetes “Agroecologia” e “Cooperação Agrícola” publicados no “Dicionário da Educação do Campo (2012) e no “Dicionário de Agroecologia e Educação” (2021). Buscar outras publicações do MST ( em: <https://mst.org.br/biblioteca-da-questao-agraria/>), por exemplo:

- Cartilha do I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha (2018);
- Caderno de Educação nº 2 (2010), Coleção Sempre é Tempo de Aprender: Agroecologia, Soberania Alimentar e Cooperação.
- Livro “Agroecologia na Educação Básica: questões propositivas de conteúdo e metodologia”, organizado pela Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto (2017).

Pesquise com frequência a página eletrônica do MST. Tem ainda a excelente coleção de livros sobre Agroecologia publicados pela nossa Editora Expressão Popular.

Acrescente aos momentos de estudo coletivo deste *Caderno* as maravilhosas músicas e poesias Sem Terra e de autoras e autores diversos, e coloque os conteúdos em diálogo problematizador – seja para reforçar diretamente a agroecologia, seja para a análise crítica de conteúdos que possam reforçar aspectos e posições contrários à agroecologia. O mesmo vale para vídeos e filmes, fotografias e notícias publicadas em jornais e revistas. Estimule os participantes a socializarem seus conhecimentos e práticas em agroecologia e cooperação. Pode-se até organizar visitas de campo!

### Sugestões para as Fichas dos Diálogos n. 02 e n. 03

Nos *Diálogos* 2 e 3, tratamos sobre o acesso à escola. No entanto, a depender de como as problematizações e posicionamentos das e dos participantes vão se dando, é possível colocar questões que tratem do *conteúdo* ensinado na escola. Vejamos algumas questões iniciais:

- O que eu mais gostei de aprender na escola? Por quê?
- Na escola, algum conteúdo me desagradou? Por quê?
- Havia conteúdos sobre o campo? A agricultura? Os povos do campo?
- E os desenhos e fotos sobre estes assuntos, como eram? O que essas imagens mostravam?

No desenvolver deste diálogo sobre o *conteúdo*, pode aparecer alguma oportunidade para analisar a forma técnica e de trabalho de se fazer a agricultura, abrindo oportunidades do diálogo problematizador, e de alguma forma introduzir aspectos da agroecologia e da cooperação.

É possível utilizar também cartilhas e livros escolares das crianças Sem Terrinha e Jovens Sem Terra – das escolas do Campo e também da Cidade, bem como os “deveres” e trabalhos de casa que eles e elas realizam.



## 2. MATERIAIS COMPLEMENTARES E FONTES DE PESQUISA SUGERIDOS

DIAS, Alexandre P. et al. (Orgs.). **Dicionário de Agroecologia e educação**. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021. Disponível em: [https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/dicionario\\_agroecologia\\_nov.pdf](https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/dicionario_agroecologia_nov.pdf)

CALDART, Roseli S. et. al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Disponível em: [www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf](http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf)

FORO INTERNACIONAL DE AGROECOLOGÍA. Nyéléni, Mali, 2015 (em espanhol). Disponível em: <https://ag-transition.org/wp-content/uploads/2015/10/NYELENI-2015-ESPANOL-FINAL-WEB.pdf>

HADICH, Ceres Luisa Antunes. **Diálogo de Saberes en el desarrollo de la Agricultura Campesina y la Soberanía Alimentaria en el Asentamiento Florestan Fernandes**. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Agrária de La Habana. La Habana, Cuba. 2012.

MARIANO, A. S. ; PAZ, T. P. . Diversidade Sexual e de Gênero no MST: Primeiros passos na luta pela liberdade sexual. In: NOGUEIRA L.; HILÁRIO, E.; PAZ, T. F.; MARRO, K. (Org.). **Hasteemos a bandeira Colorida: Diversidade sexual e de gênero no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2017, v. 1, p. 263-287. Disponível em: <https://rosalux.org.br/diversidade-sexual-e-de-genero-no-mst/>

TONÁ, Nilciney. **Elementos de Reflexão sobre o “Diálogo de Saberes” nas Experiências Formativas dos Movimentos Sociais no Paraná**. Monografia (Extensão em Teorias Pedagógicas e Produção do Conhecimento) - ENFF/UFRRJ. Guararema, 2008.

### Educação do Campo:

<https://fonec.org/biblioteca/>

<https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/educacao-no-campo>

### Agronegócio, Agrotóxicos, Saúde, Alimentação:

<https://contraosagrototoxicos.org/>

<https://fbssan.org.br/>

[https://www.abrasco.org.br/dossieagrototoxicos/wp-content/uploads/2013/10/DossieAbrasco\\_2015\\_web.pdf](https://www.abrasco.org.br/dossieagrototoxicos/wp-content/uploads/2013/10/DossieAbrasco_2015_web.pdf)

<https://ojoioeotrigo.com.br/>

<https://br.boell.org/pt-br/atlas-do-agronegocio>

<https://deolhonosruralistas.com.br/>

### Luta pela terra, Agroecologia, Cooperação, Campesinato:

<https://viacampesina.org/es/>

<https://jornadadeagroecologia.org.br/>

<https://mst.org.br/especiais/plantar-arvores-produzir-alimentos-saudaveis/>

<https://agroecologia.org.br/>

<https://aba-agroecologia.org.br/>

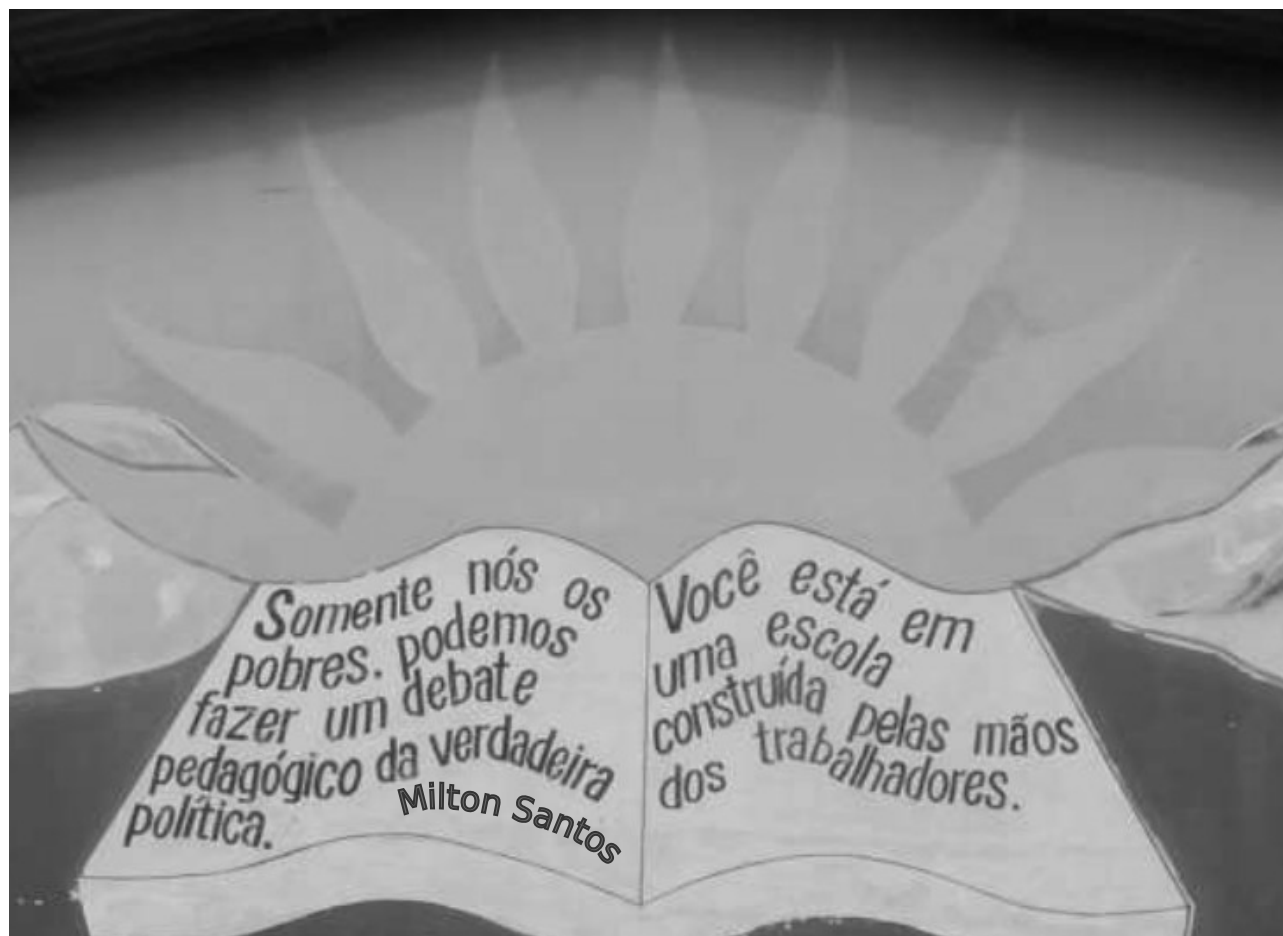
<http://aspta.org.br/>

<https://anamariaprimavesi.com.br/>

[https://expressaopopular.com.br/livraria/?swoof=1&product\\_cat=agroecologia-e-meio-ambiente](https://expressaopopular.com.br/livraria/?swoof=1&product_cat=agroecologia-e-meio-ambiente)

<https://www.bionatursementes.bio.br/>





Realização:

